

**JOVENS ESTUDANTES E SEUS
PROFESSORES DE GEOGRAFIA
COMO AGENTES PARTICIPATIVOS
NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS
ESCOLARES NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

*YOUNG STUDENTS AND THEIR
GEOGRAPHY TEACHER AS
PARTICIPATING AGENTS IN
ORGANIZING SCHOOL SPACE IN BASICA
EDUCATION*

*ESTUDIANTES JÓVENES Y SU PROFESOR
DE GEOGRAFÍA COMO AGENTES
PARTICIPANTES EN LA ORGANIZACIÓN
DE ESPACIOS ESCOLARES EN LA
EDUCACIÓN BÁSICA*

ALINE NADAL

Professora de Geografia na rede privada de
ensino – Erechim/RS
E-mail: alinendl@gmail.com

IVONE MARIA MENDES SILVA

Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS) – Erechim /RS
E-mail: ivonemmds@gmail.com

MARIA SILVIA CRISTOFOLI

Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS) – Erechim /RS
E-mail: mscristofoli@uffs.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta reflexões derivadas de um estudo que buscou analisar a possibilidade de jovens estudantes, em parceria com seus professores de geografia, participarem da organização dos espaços físicos da escola em que estudam. A pesquisa, de caráter qualitativo e ancorada numa perspectiva interdisciplinar, incluiu a observação dos espaços de uma escola da rede particular de ensino de Erechim/RS, bem como a descrição da forma como estão organizados. Também foram realizados grupos de discussão com os estudantes, a fim de conhecer suas percepções sobre os espaços atuais da escola e as mudanças por eles idealizadas no que concerne à organização desses espaços. Os resultados obtidos indicam que estudantes e professores podem mobilizar, juntos, saberes e poderes capazes de interferir no modo de funcionamento da escola, no sentido de torná-la uma instituição mais democrática. Constatou-se que a abertura para espaços de diálogo entre os diferentes atores sociais que nela convivem é o motor desse processo tão importante para a construção de opções de resistência e enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais que persistem em nossa sociedade

Palavras-chave: espaço físico escolar, educação básica, ensino de Geografia, interação professor-aluno, diálogo.

Abstract: This article presents reflections derived from a study that sought to analyze the possibility of young students, in partnership with their geography teachers, to participate in the organization of the physical spaces of the school in which they study. The research, qualitative and anchored in an interdisciplinary perspective, included the observation of the physical spaces of a school of the private school system of Erechim, RS, proceeding with a description of the way they are organized. Discussion groups were also held with the students, in order to know their perceptions about the current physical spaces of the school and the changes they devised regarding the organization of these spaces. The results indicate that students, teachers and school managers can mobilize, together, knowledge and powers capable of interfering in the way the school works, in order to make it a more democratic institution. It was found that the opening to spaces of dialogue between the different social actors that live in it is the engine of this process, so important for the construction of options of resistance and confronting the social injustices that persist in our society.

Keywords: school physical space, basic education, Geography teaching, teacher-student interaction, dialogue.

Resumen: Este artículo presenta reflexiones derivadas de un estudio que buscaba analizar la posibilidad de que los jóvenes estudiantes, en asociación con sus profesores de geografía, participaran en la organización de los espacios físicos de la escuela en la que estudian. La investigación, cualitativa y anclada en una perspectiva interdisciplinaria, incluyó la observación de los espacios físicos de una escuela del sistema escolar privado de Erechim, RS, procediendo con una descripción de la forma en que se organizan. También se realizaron grupos de discusión con los estudiantes, para conocer sus percepciones sobre los espacios actuales de la escuela y los cambios que idearon con respecto a la organización de estos espacios. Los resultados indican que los estudiantes, los docentes y los administradores escolares pueden movilizar, juntos, conocimientos y poderes capaces de interferir en el funcionamiento de la escuela, para convertirla en una institución más democrática. Se descubrió que la apertura a espacios de diálogo entre los actores sociales que viven en él es el motor de este proceso, tan importante para la construcción de opciones de resistencia y para enfrentar las injusticias sociales que persisten en nuestra sociedad.

Palabras clave: espacio físico escolar, educación básica, enseñanza de Geografía, interacción profesor-aluno, diálogo.

Introdução

A forma como os espaços escolares são configurados e organizados revela muito sobre o que se espera da escola enquanto instituição, a qual têm sofrido, ao longo da história, interferências das mudanças ocorridas nas relações sociais e tecnológicas. Esses processos estão relacionados à forma como a estrutura física das instituições se apresenta e ao modo como é conduzida a organização dos espaços. Não por acaso, na Modernidade, a escola se firma como um espaço arquitetônico e relacional no qual o poder disciplinar se faz presente em prol não apenas de educar e civilizar as novas gerações, mas também de docilizar seus corpos e mentes, como reconhecem importantes estudiosos do tema (GOFFMAN, 1987; FOUCAULT, 1999a, 1999b).

A organização dos espaços da escola não repercute somente em sua apresentação, mas também nas ações cotidianas da comunidade escolar e nas relações estabelecidas entre seus integrantes. A disposição dos ambientes e a atenção a aspectos associados à iluminação, à ventilação, aos sons, entre outros elementos, faz parte do desenvolvimento dos processos pedagógicos construídos por profissionais da educação e estudantes, conforme apontam Frago e Escolano (2001), os quais referem o espaço escolar como, ao mesmo tempo, estrutura física e discurso que expressa valores sobre a sociedade e o momento histórico em que se situa.

A partir das contribuições desses e outros autores (FRAGO, ESCOLANO, 2001; CASTELLAR, 2009), podemos entender o espaço escolar como categoria social construída e reconstruída pelos

significados que lhe são atribuídos pelos sujeitos que dele se apropriam, os quais são constantemente retroalimentados por experiências e saberes diversos.

Dessa forma, quando estudantes e profissionais da educação ocupam e usufruem do espaço escolar, produzem ações que acabam por configurá-lo, evidenciando-se a relevância de se implicarem em sua organização, seja por meio de participação direta na definição dos caminhos que esta organização tomará, seja por meio da possibilidade de lançarem um olhar crítico e reflexivo sobre a realidade existente, vislumbrando mudanças necessárias. Isso pode ocorrer a partir de oportunidades de diálogo oferecidas pela escola que, nesse processo, firma-se como instituição democrática e possibilita que os atores sociais que dela participam possam significar os espaços escolares como lugares de (con)vivência, pertencimento, bem como de exercício da cidadania e da autonomia, e não cenários nos quais a contenção e vigilância são os propósitos maiores.

Essa possibilidade de transformar os espaços em lugares, no contexto escolar, é pautada pelo sentimento de pertencimento e de identificação dos sujeitos com essa realidade. Apoiados nesse sentimento é que eles podem edificar um olhar mais crítico em relação à escola e à sociedade da qual ela faz parte, implicando-se na concretização de ações e decisões necessárias ao seu aperfeiçoamento. Para além disso, é preciso reconhecer, como lembram Cavalcanti (2009) e Valdés (2009), o quão importantes são as contribuições de tais processos para a construção identitária e os processos de desenvolvimento psicossocial dos sujeitos escolares, seja quando atrelados a vivências individuais seja como parte de mobilizações coletivas. Nas palavras de Valdés (2009, p. 65): “[...] el

lugar se constituye como un objeto que cuando es habitado por las comunidades, éstas lo aprehenden y se traspassa una suerte de identidad recíproca”.

Em conformidade com esse pensamento, abordamos os conceitos de espaço e lugar a partir de uma perspectiva interdisciplinar, com contribuições da Geografia, Arquitetura, Educação e Psicologia, assimiladas no contexto de produções nacionais e internacionais divulgadas por autores como Antonio Viñao Frago, Agustín Escolano, Johann de la Luz García Valdés, Sonia Maria Vanzella Castellar, Lana de Souza Cavalcanti, Dóris Kowaltowski, entre outros.

As questões anteriormente referidas têm sido problematizadas também por estudos empíricos realizados ao longo dos últimos anos no Brasil, como atestam os achados de Silva, Cristofoli e Zanin (2012), que abordam a importância das vivências dos estudantes nos espaços escolares. Ao investigarem como crianças percebiam e utilizavam os espaços de sua escola, constataram que estas eram protagonistas na ação de construir e transformar esses ambientes diariamente, possuindo laços de afetividade com eles.

A abordagem desse tema no presente trabalho ancorou-se nas observações e indagações em relação à organização dos espaços e tempos relacionados ao Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, em uma escola da rede particular de Erechim-RS, local em que uma das autoras do artigo trabalha ministrando a disciplina de Geografia. As demais autoras do artigo vêm construindo sua aproximação com o tema ao longo da última década, por meio da realização e orientação de pesquisas que, conciliando as contribuições da Geografia com as da Educação, Psicologia e Arquitetura, buscam problematizar o espaço escolar como categoria

social e historicamente construída, focalizando especialmente sua significação para sujeitos escolares (estudantes, docentes e gestores inseridos em escolas urbanas e do campo, comunidades indígenas etc.) nas diferentes etapas da escolarização (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Ensino Superior).

Assim, pretendemos, com a pesquisa aqui apresentada, analisar a possibilidade de jovens estudantes da educação básica, em parceria com professoras/es de geografia, participarem da organização dos espaços físicos da escola em que estudam. Para tanto, buscamos caracterizar os espaços físicos da escola na qual transcorreu a pesquisa. Além disso, identificamos, junto aos estudantes, suas percepções acerca da possibilidade de participarem da organização dos espaços escolares para, num segundo momento, construir uma proposta, embasada nas ideias dos estudantes em diálogo com sua professora de geografia, de nova organização dos espaços para o Ensino Fundamental anos finais e/ou Ensino Médio.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: num primeiro momento é apresentada a discussão teórico-conceitual que dá fundamentação à pesquisa realizada, a qual traz as contribuições de autores que auxiliam na compreensão do tema da pesquisa, bem como na análise dos resultados obtidos na pesquisa empírica. Na sequência, é esclarecido o percurso metodológico do estudo, com a descrição dos instrumentos e etapas que possibilitaram a produção e análise de dados. Por fim, são discutidos os resultados da pesquisa; sendo o artigo encerrado com algumas considerações finais.

Os espaços físicos da escola e a participação dos sujeitos escolares em sua organização

A relevância que a organização dos espaços escolares possui para os processos de ensino e aprendizagem tem sido cada vez mais discutida na área da educação. Não obstante, por mais que esse assunto seja reconhecido como importante em nossa sociedade, ainda falta um olhar mais direcionado e cuidadoso com o tema no cotidiano escolar, pois, de modo geral, ele não tem sido considerado com a atenção que merece por parcela significativa dos profissionais da educação.

Kowaltowski (2011, p. 40) contribui com essa discussão, ao afirmar:

Os aspectos físicos do ambiente escolar são poucos citados nas discussões pedagógicas ou em estilos de aprendizagem. Como pelo menos 20% da população passam grande parte do dia dentro de prédios escolares, é pertinente indagar a respeito do impacto de elementos arquitetônicos sobre os níveis de aprendizagem de alunos e de produtividade dos professores ao transmitir conhecimentos. Para a comunidade escolar, deve existir a certeza de que o ambiente físico contribui positivamente para criar o contexto adequado, confortável e estimulante para uma produção acadêmica expressiva.

A mesma autora ainda lembra que a arquitetura das escolas pode ser influenciada por diversos fatores, sejam eles externos ou internos. Dentre esses fatores, o desenvolvimento econômico das localidades onde se inserem as escolas afeta a organização e a estrutura na qual esses espaços serão projetados.

A concepção arquitetônica dos prédios escolares, principalmente em países em desenvolvimento, depende da situação socioeconômica e política, mas

deve se preocupar com os conceitos educacionais e de conforto, necessários para atingir a qualidade do sistema ensino/aprendizagem (KOWALTOWSKI, 2011, p. 63).

Os aspectos socioculturais e históricos também têm um peso nesse sentido. Assim, ainda que, ao longo da Modernidade, tenham emergido diferentes perspectivas acerca da organização e estrutura das escolas, o que se viu prevalecer, nessas instituições, foi a organização associada ao controle disciplinar, com pouca ênfase no desenvolvimento da autonomia dos sujeitos que ali se encontram (GOFFMAN, 1987; FOUCAULT, 1999a, 1999b). O que tem se revelado um padrão hegemônico mesmo atualmente, em diferentes culturas do mundo ocidental.

Em conformidade com isso, “a disposição espacial da maioria das escolas no Brasil ainda segue os padrões tradicionais, com carteiras enfileiradas e o professor em frente ao quadro-negro” (KOWALTOWSKI, 2011, p. 80). Um tipo de configuração cuja funcionalidade revela a importância atribuída ao controle dos corpos e à hierarquia pela escola.

Atesta-se, assim, a necessidade de pesquisarmos cada vez mais sobre o tema referente à organização dos espaços escolares, pois muito ainda deve ser realizado para que os espaços já existentes e os novos sejam (re)pensados, visando ao fortalecimento de ambientes educativos.

As mudanças requeridas devem se fazer presentes também na organização curricular das instituições pois, como defende Escolano (2001, p. 27): “os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulo, conteúdos e valores do chamado currículo oculto [...]”. Dessa forma, os diferentes

tipos de espaços existentes nas escolas fazem parte do currículo escolar, estando presentes nos momentos de ensinar e aprender, o que lhes permite contribuir para uma formação atenta às várias dimensões (cognitiva, afetiva, social, motora etc.) que compõem os sujeitos em sua integralidade.

Os espaços escolares também podem comportar a realização de atividades diferenciadas, incluindo as recreativas e culturais, e, em função disso, devem ser devidamente planejados, procedendo-se com ajustes futuros nesse planejamento sempre que se fizer necessário, para que haja uma adequação de sua organização às atividades específicas promovidas pela escola e às necessidades dos sujeitos que delas participam.

Em consonância com o argumento anteriormente exposto, Silva, Cristofoli e Zanin (2012, p.94) defendem que “a arquitetura escolar é também um aspecto do currículo e deve ser levada em conta nos projetos técnicos e no projeto político-pedagógico da escola”. Nesse sentido destacam a importância de pensar os diferentes tipos de espaços que a escola oferece e a forma como esses espaços estão disponíveis aos alunos. As autoras também mencionam que “tarefa não menos importante é buscar garantir e dispor recursos financeiros para novas construções e ampliações ou adequações dos espaços já existentes”.

Escolano (2001, p.28) alerta ainda que o foco da análise do espaço escolar deve estar voltado não somente para os ambientes presentes dentro da escola, mas também para a localização da escola, cabendo num contexto mais abrangente (comunidade, bairro, cidade, região, país, etc.), conhecer e compreender as características desse contexto, para dimensionar e manejar adequadamente os impactos disso na organização dos espaços.

Dessa maneira, faz-se necessário levarmos em conta o fato de que os espaços escolares não são domínios neutros e nem devem almejar sê-lo. Eles carregam consigo diferentes marcas identitárias, podendo estas estarem associadas às pessoas que os frequentam, assim como aos contextos socioculturais e históricos em que estão inseridas. Por isso a importância de olhar para a organização dos espaços, pois eles devem proporcionar às pessoas que os utilizam um lugar de convivência, aprendizagem e pertencimento. Nas palavras de Frago (2001, p. 64): “[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam”.

Complementando seu raciocínio, Frago (2001, p. 66) coloca que “[...] onde se aprende e se ensina, sempre é um lugar, cria-se um lugar. Mas tal lugar pode variar no tempo para os alunos e para o professor”. As palavras do autor fazem pensar na escola como um lugar em que todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo. E esse aprender e ensinar também está atrelado aos diferentes espaços que a escola, enquanto instituição, oferece a todos que fazem parte dela, percebendo que nossas ações interferem na constituição e na organização destes espaços. Dessa forma, surge um sentimento de pertencimento a esses lugares, o que os torna significativos para os diferentes sujeitos que o habitam.

Frago (2001, p. 61), baseado em estudos de Fernández Alba (1984), também contribui com seu olhar em relação aos espaços da escola quando menciona em seu texto que “a ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar: ‘O salto qualitativo’ que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói”.

Tudo o que foi argumentado até aqui mostra a relevância da contribuição dos sujeitos que vivenciam os diferentes espaços da instituição para pensar estes ambientes, sua organização, seu uso. A possibilidade de compartilhamento dessas contribuições deveria ser um princípio básico adotado por todas as comunidades escolares que se pretendem democráticas. Rinaldi (2013, p. 122) aponta o porquê:

A instituição escolar, na verdade, pode desempenhar um papel muito especial no desenvolvimento cultural e na experimentação sociopolítica, na mediada em que esse momento (projeção) e esse lugar (escola) podem ser experienciados não como tempo e espaço para reproduzir e transmitir conhecimento já estabelecidos, mas como um lugar para a verdadeira criatividade.

A autora ainda ressalta que o espaço físico “como qualquer outra linguagem”, representa “um elemento constituinte na formação do pensamento” (RINALDI, 2013, p. 123-124). Dada a sua importância, o direito de se expressar através dessa linguagem deveria ser garantido a todas/os. Estudantes e professoras/es, em seus processos de aprender e ensinar, deveriam dispor da oportunidade de apropriarem-se desses espaços, imprimindo neles suas marcas pessoais e socioculturais e de opinar sobre o que consideram pertinente ou não para sua organização.

Obviamente, para além das percepções subjetivas ou dos consensos construídos por determinados grupos ou comunidades, há questões elementares que podem pautar esse processo, como pontua Rinaldi (2013, p.127) em suas considerações sobre os ambientes voltados para o público infantil, mas que também se aplicam a outros sujeitos (jovens e adultos):

O objetivo é, portanto, construir e organizar espaços que permitam a criança: -expresse seu potencial, suas habilidades e sua curiosidade; - explique e pesquise sozinha e com os outros, tanto com o grupo crianças quanto com os adultos; - perceba-se como construtora de projetos, incluindo o projeto educacional geral desenvolvido na escola; - estabeleça sua identidade (também e termos de gênero), autonomia e autoconfiança; -trabalhe e comunique-se com os outros; -saiba que sua identidade e privacidade são respeitadas.

Em relação à organização dos espaços, Ceppi e Zini (2013, p.44-55) destacam alguns fatores considerados relevantes quando se está projetando ambientes para a educação, sendo eles: formas relacionais, iluminação, cores, materiais, odores sons e microclima. Associados às formas relacionais, observam-se alguns pontos importantes, como a flexibilidade, com a possibilidade de enriquecer as interações entre os sujeitos escolares e destes para com a comunidade. Além disso, os espaços devem favorecer atividades comunicativas de pesquisa e o ensino não confinado à sala de aula.

Para além do que foi mencionado, vale destacar a importância de oportunizar que todos os sujeitos escolares possam assumir o papel de agentes participativos na construção da organização dos espaços escolares. Isso não tem ocorrido de modo frequente e sistematizado na maior parte das escolas brasileiras, sejam elas pertencentes à rede de ensino pública ou particular. O que, certamente, redundará em prejuízos de vários tipos para as próprias escolas, para os sujeitos que as frequentam e as comunidades das quais fazem parte. Paulo Freire discute, em sua obra intitulada *Pedagogia da Autonomia*, o papel da escola e dos educadores na construção de educandos mais ativos e participativos, por meio do respeito a esses indivíduos, afirmando que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um

favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2013, p. 58).

Partindo disso, defendemos aqui a ideia de uma maior abertura, por parte das instituições escolares em relação à participação dos estudantes nos processos de discussão e tomada de decisões sobre tópicos atinentes à vida escolar, incluindo a organização dos espaços. A responsabilidade a ser assumida pela escola é a de possibilitar que essa participação aconteça como parte do cotidiano, ao longo da trajetória escolar desses sujeitos, criando condições para que estes venham a se tornar agentes de transformação da realidade social.

Nesta perspectiva, Freire (2004, p. 98) destaca o papel da educação e das instituições educativas como base para que uma participação cidadã e consciente esteja cada vez mais presente na atuação dos jovens face à sociedade. O que pode se efetivar mediante práticas educativas pautadas na escuta e diálogo entre os que fazem parte destas instituições, constituindo uma forma de proporcionar a autonomia a estes sujeitos, ou seja,

A função da educação é auxiliar os homens na produção de sua própria realidade material e de sua consciência sobre ela. A formação para o trabalho, a qualificação para o mercado, embora seja uma função importante, não pode se constituir em única, nem mesmo em principal, função da educação: como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2004, p. 98).

Tematizando o impacto desse tipo de proposta educativa para a formação de adolescentes e jovens, Silva (2009, p. 7) destaca a necessidade de:

respeitar o fato de que os(as) adolescentes pensam, dizem e fazem pode ultrapassar os limites de sua vida pessoal e familiar e influir no curso de seu desenvolvimento. Além de ser uma forma de respeito à dignidade humana, é uma forma de reconhecer que através de seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolve o seu potencial criativo para a transformação pessoal e social.

Respeitar esses sujeitos e intensificar seu potencial por meio da mediação de diferentes processos é uma forma de alcançar êxito na construção de seu protagonismo como agentes de transformação social.

Ainda, Costa (2001, p.19) argumenta que a cooperação entre os que fazem parte da escola auxilia neste processo, ou seja, “[...] trabalho cooperativo, no qual os adolescentes assessorados por seus educadores, vão atuar na construção e implementação de soluções para problemas reais com os quais se deparam no dia a dia de suas escolas, de suas comunidades ou da sociedade de que são parte”.

O corpo docente de forma geral e as/os professoras/es de Geografia, em especial, podem contribuir ativamente para que os preceitos como esses sejam concretizados. Chamamos atenção para a importância das/dos professoras/es de geografia na consecução desse trabalho não apenas em função de sua condição enquanto docentes, mas pela proximidade com o universo temático aqui focalizado (as categorias espaço e lugar), assim como pela trajetória histórica desses profissionais na problematização das desigualdades e injustiças sociais que persistem em nossa sociedade. Sua atuação no contexto educacional tem sinalizado a possibilidade de construção, na/pela escola, de diferentes formas de resistência e enfrentamento dessas desigualdades e injustiças.

Percurso metodológico

A pesquisa aqui apresentada, de caráter qualitativo, contou com a exploração bibliográfica do tema, seguida de pesquisa de campo que, conforme Minayo (1994, p. 53), é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”.

Em termos operacionais, a pesquisa de campo ocorreu em duas etapas. A primeira delas incluiu a elaboração de um diagnóstico da realidade da escola investigada a partir da observação da forma como os espaços e os tempos são organizados na Educação Infantil, Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Nessa etapa, foi realizado um mapeamento dos espaços, por meio do uso de fotografias, sendo que, após esse momento, foram realizadas comparações entre as imagens dos diferentes espaços da escola.

Com base em Flick (2004, p.148), entendemos a observação como técnica de pesquisa que permite a aproximação em relação a uma dada realidade, tendo em mente as questões que se pretende investigar. No presente estudo, esse processo de observação foi conduzido de modo flexível, deixando espaço para que descobertas e novas elaborações pudessem ser produzidas pelas pesquisadoras no contato com o contexto estudado e os sujeitos da pesquisa, sem perder de vista os objetivos planejados. Nesse sentido, fizemos uso tanto da “observação direta” que, segundo Flick (2004, p.148), baseia-se na coleta direta de dados empíricos e tem no diário de campo um suporte para registros pertinentes; quanto da “observação indireta”, processo em que os dados para análise são obtidos por meio de fotografias, desenhos, filmagens e outros recursos similares. Como já esclarecido, nossa principal fonte de dados, nesse caso, foram as fotografias.

Sobre o uso desse tipo de recurso na pesquisa científica, concordamos com Loizos (2012) quando este afirma que: “[...] a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais–concretos, materiais” (LOIZOS, 2012, p. 137).

A segunda etapa da pesquisa associou-se à proposta de compreender o que pensam os estudantes em relação à organização dos espaços na escola. Essa etapa também compreendeu a elaboração de uma proposta de reorganização dos espaços para o Ensino Fundamental anos finais e/ou Ensino Médio, através da participação colaborativa dos estudantes que estavam cursando, naquele momento (março de 2019), o Ensino Fundamental anos finais (6º ao 9º ano), e/ou Ensino Médio (1º e 3º anos). Foram formados 3 grupos de alunos: 1 com os alunos de 7º ano, outro com alunos do 7º e 8º ano e outro grupo com alunos do 1º ano e 2º anos, totalizando 16 alunos participantes.

Os participantes foram selecionados em função do seu interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Além da pesquisadora e dos estudantes, participou da atividade uma assistente de pesquisa, que auxiliou com anotações e outras tarefas. Foi realizado um encontro com cada grupo, os quais aconteceram na escola, com duração de, no máximo, três horas e em turno contrário ao de suas aulas.

A seguir, tem-se a descrição de como foram organizados os encontros e os instrumentos de pesquisa neles utilizados:

1. No primeiro momento, foi apresentado o objetivo da pesquisa aos estudantes, realizando uma apresentação breve do projeto de pesquisa;

2. No segundo momento, os estudantes foram convidados a elaborar dois desenhos, o primeiro que representasse um lugar da escola de que eles mais gostavam. Na sequência, os estudantes foram convidados a apresentarem seus desenhos a dialogarem sobre eles com o grupo.
3. No terceiro momento, a partir de um roteiro pré-definido, foram apresentadas algumas questões norteadoras do debate, com o objetivo de conhecer: o que eles pensam sobre os espaços físicos da escola; o que acham que deveria mudar; como mudar; bem como a importância desses espaços para eles; entre outros questionamentos.
4. No quarto e último momento, os estudantes foram instigados a pensar, com base em seus conhecimentos e nas discussões realizadas em grupo, como gostariam que os espaços da escola fossem organizados. Para nortear esta atividade, a pesquisadora responsável pela coordenação da atividade inspirou-se nas orientações de Ceppi e Zini (2013) e Kowaltowski (2011), as quais evidenciam alguns elementos a serem observados quando se pensa em organização e construção de espaços: funcionalidade da sala de aula; tipo de mobiliário e de equipamentos; comportamento (mobilidade) dos usuários; funcionalidade de outros espaços internos, biblioteca, laboratórios, sala de aula, pátio coberto; condição de acessibilidade: existência de barreiras físicas, detalhamento de rampas, piso tátil, sinalização em Braille, banheiros especiais; conforto visual: existência de ofuscamento, características das janelas, tipo de iluminação natural e artificial, presença de cortinas ou protetores nas janelas, interferências de vegetação perto das aberturas, cores; conforto térmico: condições de ventilação, existência de mofo, radiação solar refletida, velocidade do ar, temperaturas (seco ou úmido), presença de ventiladores ou ar condicionado; conforto acústico: condições das aberturas, existência de equipamentos de ventilação ligados, ruídos percebidos, níveis sonoros, interferências sonoras de outros espaços;

A proposta aqui descrita, realizada com os estudantes na busca de sua percepção em relação à organização dos espaços físicos

da escola, está baseada na técnica de *Grupo Operativos*. De acordo com Bastos (p. 161) “a técnica de grupo operativo consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos”, ou seja, é uma forma de conversa em grupo, em que os participantes interagem entre si e, ao mesmo tempo, têm a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos e experiências.

Na seção apresentada a seguir, discorreremos sobre os resultados obtidos na pesquisa e sua análise. O processo de análise embasou-se nas diretrizes apresentadas por Gomes (1994) em sua proposta de análise temática de conteúdo. Procedemos, então, com a realização de leituras sucessivas do material de pesquisa, seguidas da construção de inferências sobre os resultados, que levaram em conta a identificação de semelhanças e discrepâncias nos conteúdos analisados. Posteriormente, organizamos os dados obtidos em eixos temáticos, que possibilitaram uma melhor compreensão das relações que poderiam ser estabelecidas entre nossos achados e as discussões sobre o mesmo tema existentes na literatura científica especializada.

Resultados e discussão

A instituição escolar em que foi realizada a pesquisa é uma escola localizada no município de Erechim, no Rio Grande do Sul, mais precisamente na região norte do Estado. A instituição faz parte da rede privada de ensino do município e localiza-se na sua área central, contando atualmente com cerca de 700 estudantes, oriundos de diferentes regiões da cidade e até mesmo de municípios menores localizados no seu entorno. Ela atende os níveis da Educação Infantil,

Ensino Fundamental anos iniciais e finais e Ensino Médio, além de possuir turno integral¹.

Em relação à descrição dos espaços utilizados pelos estudantes, tomaremos como referência os anos de 2018 e 2019, nos quais ocorreu a consecução da pesquisa.

As salas de aula destinadas aos estudantes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, em 2018, encontravam-se equipadas com lousa digital, computador, som e projetor.

Constatamos ainda que a escola vem realizando mudanças na organização das salas de aula do Ensino Fundamental anos finais vêm avançando no processo de organização dos espaços. Em algumas salas, tem sido realizada a disposição dos alunos em pequenos grupos, círculos, duplas e trios, além do desenvolvimento de atividades em outros espaços, como o pátio e a biblioteca.

Em relação ao Ensino Médio, as salas de aula, no ano de 2018, possuíam materiais diferenciados em relação às tradicionais carteiras escolares, como mobília, sofá e mesas maiores para trabalhos em grupos. Na parede foi acrescentado um papel para a escrita, ou seja, uma forma de inverter o quadro durante as aulas, como também duas mesas e sofás que poderiam ser movidos e trocados de lugar a qualquer momento. Em 2019, estas salas sofreram algumas modificações, como, por exemplo, a retirada dos sofás e da lousa digital, bem como a instalação de paredes móveis na parte de trás das salas, possibilitando sua abertura e conexão com outras salas.

¹ Informações obtidas no “Histórico” do Colégio no qual foi realizada a pesquisa (documento elaborado em 2015), a partir de consulta ao site oficial da instituição.

Também podem ser notadas alterações nas salas de aula em que os estudantes do Ensino Fundamental anos finais estão inseridos. A forma de organização em duplas é um ponto relevante a destacar, pois atesta a tentativa de trabalhar de forma coletiva, como também proporciona que os estudantes troquem experiências e vivências, interagindo uns com os outros. Isso também acontece nas salas do Ensino Médio, em que a ideia de inverter o quadro pode proporcionar maior interação entre os sujeitos inseridos nestes espaços. Conforme já destacado anteriormente, com base no que afirmam Ceppi e Zini (2013), os espaços devem ser projetados para que ofereçam conforto, não apenas no que diz respeito à mobília, mas também em relação à iluminação, umidade, ventilação, entre outros elementos importantes que fazem parte de um projeto.

Ainda em relação à caracterização dos espaços, observamos que os corredores localizados na área de uso do Ensino Fundamental anos finais e do Ensino Médio possuem uma organização simples, sem recursos adicionais para a realização de possíveis atividades fora do contexto de sala de aula. Destacam-se alguns bancos feitos de pneus reutilizados, sofás para sentar e uma planta.

O elemento que chama mais atenção na área externa da escola é o novo parque infantil construído no ano de 2019, o qual possui brinquedos diferentes para as crianças, com materiais em madeira, piso emborrachado que possibilita uma melhor aderência no momento do desenvolvimento de atividades com os pequenos. Também neste ambiente foi construído um estúdio de aprendizagem, onde podem ser desenvolvidas diversas atividades ligadas aos diferentes campos do conhecimento.

Tendo em vista os aspectos assinalados, concluímos que a escola tem cuidado da organização dos espaços que a constituem,

atentando para as diferenças entre os níveis de ensino e as necessidades dos públicos que os frequentam. Não obstante a instituição estudada deve ainda avançar no que concerne à possibilidade de participação dos estudantes na definição dos rumos tomados por esta organização. Há necessidade de se instaurar espaços de diálogo e escuta das necessidades e interesses dos estudantes, fortalecendo sua participação nos processos de tomada de decisão sobre o tema.

O momento dedicado à discussão em grupo com os jovens estudantes, nessa pesquisa, demonstrou que o investimento nesse tipo de metodologia de trabalho na escola é profícuo e potente. Os jovens se engajaram nas atividades propostas, participando ativamente da construção dos debates, revelando que inclusive sentem falta de serem mais escutados e verem suas ideias levadas a sério.

Para a pergunta que visava conhecer a percepção dos participantes acerca dos espaços físicos e a importância destes, lançada no Grupo 1 (realizado com estudantes do 7º e 8º anos do E. Fundamental, no dia 28 de março de 2019), foram obtidas as seguintes respostas:

Estudante A: *“o espaço é organizado, mas existe a falta de acesso em alguns locais”.*

Estudante B: *“Poderiam ser maiores e a escola poderia disponibilizar mais espaço, pois é importante ter mais salas para diferentes atividades”.*

Estudante C: *“Algumas salas de aula precisam de melhorias, como por exemplo manutenção dos equipamentos”.*

Já no Grupo 2 (realizado com estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Médio, no dia 29 de março de 2019), emergiram as seguintes falas em relação aos espaços físicos da escola:

Estudante D: “*Existem os espaços, mas não há liberdade de uso*”.

Estudante E: “*Alguns espaços poderiam ser mais usados proporcionando uma aprendizagem de mais vivências, por exemplo o campo é um lugar que não é muito aproveitado, também seria necessário ampliar os espaços da biblioteca e seus usos*”.

Estudante F: “*As salas de aula estão mais simples, do que no ano anterior. Seria interessante um espaço mais acolhedor e mais confortável, em que a arquitetura te instigue*”.

Estudante G: “*Falta um espaço lúdico, por exemplo o espaço da Educação Infantil é lindo, gostaria de estudar lá*”.

Levando em consideração o que os estudantes destacaram em relação à percepção que sustentam sobre os espaços físicos da escola, depreende-se que estes necessitariam ser melhor organizados, mais amplos, com mais acesso, mais coloridos, em alguns casos com mais recursos, para se tornarem mais confortáveis e instigantes. Esses achados vão ao encontro dos estudos de Frago (2001) e Escolano (2001), os quais destacam que os espaços físicos da escola devem proporcionar aos estudantes momentos de vivência e de interações, bem como oportunidades de diálogo. Também Ceppi e Zini (2013, p. 46) referem que “o ambiente escolar deve ser passível de receber manipulações e transformações tanto de adultos como de crianças, e deve estar aberto para diferentes usos”.

Posteriormente foi solicitado aos estudantes que desenhassem o(s) espaço(s) de que eles mais gostavam na escola e aquele(s) que eles menos gostavam, justificando posteriormente suas escolhas. No Grupo 1, referente ao tópico “espaço que mais gostam”, a biblioteca foi mencionada por 3 estudantes; apenas 2 citaram a sala de aula, o parque novo foi destacado por 3 estudantes e apenas 1 apontou o ginásio. Nas justificativas, a biblioteca foi referida como *um lugar de estudos*, que disponibiliza *livros* e onde ocorre *interação com outros colegas*; a sala de aula como *um local de estudo*; o ginásio

como ambiente *para praticar esporte*; e o parque novo, um *lugar de interação que possui árvores, brinquedos e é diferente*: nele os estudantes *podem ser livres*.

As respostas proferidas pelos integrantes do Grupo 2 em relação aos espaços que mais gostam se aproximaram das obtidas no Grupo 1, com algumas diferenças. A sala na qual ocorrem as atividades extraclasse (vivências, oficinas, debates etc.) foi lembrada por 3 estudantes nas discussões ocorridas no Grupo 1, tendo sido feitas também menções à biblioteca (1), à sala de aula antiga do Ensino Médio (1), o corredor (1), as arquibancadas do campo (1). Estes lugares foram escolhidos porque neles costumam ocorrer *vivências, convivência e integração*, bem como por serem lugares tidos como *acolhedores*. A biblioteca, por constituir um local de estudos e pesquisa. As falas dos estudantes denotam que os locais citados fazem parte de sua rotina e despertam em muitos deles um sentimento de pertencimento.

Considerando os desenhos elaborados pelos estudantes participantes da intervenção e suas falas sobre eles, podemos notar que quatro espaços físicos da escola ganharam destaque no Grupo 1: o novo parque infantil, a biblioteca, o ginásio e a sala de aula; enquanto no Grupo 2, a sala antiga do Ensino Médio e a sala das atividades extraclasse é que foram mais enfatizadas. Estes espaços possuem um significado positivo para os estudantes, conforme comentado anteriormente, sendo considerados não apenas locais para estudos, onde o processo de aprendizagem está presente, mas também ambientes nos quais interações e experiências diversas podem ocorrer.

Neste momento vale ressaltar os escritos dos autores que estão auxiliando e embasando este estudo. Dentre eles, Escolano

(2001), que aponta a relevância de considerarmos as possibilidades formativas e existenciais que cada espaço, quando convertido em lugar, instaura para os sujeitos que dele se apropriam, assim como Pereira (2009, p. 14), ao destacar:

El lugar se entiende no sólo en referencia al objeto de la Geografía, sino que además se entiende como una posibilidad metodológico-analítica para comprenderlo y explicarlo, al mismo tiempo, como una posibilidad de recomponer la interrelación entre los seres humanos y el medio.

Assim, as predileções dos estudantes revelam aspectos importantes sobre a relação que eles estabelecem com a escola e seus espaços. Os espaços de que mais gostam foram escolhidos pelos estudantes por estes sentirem que ali vivenciaram experiências marcantes, em suas relações com o outro e consigo mesmos.

Quando indagados sobre os espaços de que menos gostam, ou pelos quais não possuem muito interesse, a maioria dos integrantes do Grupo 1 e do Grupo 2 destacaram o campo de futebol da escola e a parte da direção e coordenação de turno, como espaços de que não gostam, ou com os quais não tem uma relação mais afetiva. A menção a esses espaços foi justificada das seguintes maneiras: *o campo de futebol é um lugar em que se realizam poucas atividades, por isso não desperta muito interesse ou preferência. Já a sala da coordenação de turno e a direção são espaços de que não gostam pelo fato de não terem muito acesso ou por estar atrelado a vivências representadas como negativas.*

Estudante B: A sala da direção representa “*um lugar mais restrito em que não podemos acessar com liberdade*” (Grupo 1, realizado no dia 29 de março de 2019).

Estudante G: “*Esse espaço acessamos apenas quando aprontamos algo, quando não nos comportamos direito*” (Grupo 2, realizado no dia 29 de março de 2019).

O apontamento feito pelo estudante G, ao relatar o significado que o espaço em questão tem para ele, nos remete à discussão feita por Valdés (2009), com base nos conceitos de “topofobia” e “topofilia” propostos pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1980), sobre a possibilidade de superação de adversidades, distanciamentos ou aversões que venham a fazer parte da relação estabelecida pelos sujeitos com determinados contextos existenciais. A topofobia remete ao não gostar ou não se sentir bem em determinado lugar, enquanto a topofilia associa-se a uma relação harmoniosa, de afeição, com determinados lugares. Nas palavras de Valdés (2009, p. 62): “Topofilia y Topofobia son los sentimientos que definen dichas prácticas. Éstas prácticas provocan la significación emocional del lugar dentro de la identidad humana”.

Portanto, o que se observou em relação aos desenhos dos estudantes é a presença da topofilia quando considerados os espaços de que eles gostam e com os quais possuem um vínculo agradável, e da topofobia no caso dos espaços tidos como desagradáveis ou com os quais não mantêm laços afetivos. Não obstante, cabe reconhecermos, encampando as contribuições dos autores referidos ao longo deste artigo, que as relações desses sujeitos com os espaços escolares por eles citados possuem uma história, marcada por significados variados, mas esses processos não são estanques ou rígidos; ao contrário, são dinâmicos, uma vez que novas experiências neles vividas ou mesmo elaborações e reflexões, produzidas individual ou coletivamente, podem oportunizar mudanças nos sentimentos e ideias que esses sujeitos sustentam sobre tais espaços, instaurando

outras possibilidades de significação. Os próprios jovens revelaram, em alguns momentos das discussões realizadas nos grupos, almejar e valorizar essa possibilidade de mudança na relação com determinados espaços, chegando a defender, quando se referiram à realidade escolar por eles experimentada, que ela precisa ser fomentada pelos professores e gestores, conforme discutiremos adiante.

Nesse sentido, cabe reconhecermos o quanto os espaços físicos, não apenas os projetados e configurados pela instituição escolar, mas também os (re)criados espontaneamente pelos estudantes, estão relacionados aos sentimentos pela escola. Ficou evidenciado, nas falas e nos desenhos dos estudantes que participaram de nossa pesquisa, o quanto eles são ativos e participativos nos espaços em que estão inseridos, os quais possuem um significado para eles. Esses achados corroboram o que afirmam Silva, Cristofoli e Zanin (2012, p. 66-7) quando referem a:

existência dos chamados “cantinhos” ou “locais secretos” no espaço escolar. Sem localização oficial nos projetos arquitetônicos das escolas, eles existem em qualquer uma por causa da ação dos alunos, que fazem da sombra de uma árvore, do trecho de uma escada, do fim do corredor ou de partes recônditas dos banheiros e pátios, lugares para encontrar os amigos, ler, brincar, jogar, “bater um papo”, “matar o tempo”etc.

Assim, os estudantes estão o tempo todo se apropriando dos diferentes espaços da escola, sendo este um processo complexo e dinâmico. Precisamos aprender, enquanto profissionais da educação e pesquisadores, a identificar os sinais e sentidos dessa apropriação. Processo esse que pode ampliar nossos horizontes de compreensão

em relação aos jovens, seus valores e visões de mundo particulares, suas potencialidades enquanto aprendizes e cidadãos.

Outro questionamento dirigido aos sujeitos da pesquisa buscou perceber se os espaços físicos da escola condizem com suas necessidades. Os participantes do Grupo 1 citaram que:

Estudante A: *Está bom, apenas precisaria ser maior, bem como utilizá-lo melhor”.*

Estudante B: *“Outros espaços poderiam ser mais usados, como o laboratório de ciências e espaços fora da sala para realizar trabalhos”.*

No Grupo 2, por sua vez, emergiram as seguintes falas:

Estudante D: *“Alguns espaços sim estão de acordo, mas ainda precisa melhorar, existem os espaços, mas eles precisam ser ampliados, por exemplo a biblioteca”.*

Estudante E: *“Precisaria de mais espaços para realizar trabalhos diferenciados”.*

Estudante F: *“Os espaços estão de acordo, apenas precisariam de melhorias e também alguns muitas vezes não são utilizados”.*

A partir desses apontamentos, foi possível inferir que os estudantes compreendem a dinâmica dos espaços de que fazem parte, percebendo sua organização, como também a sua utilização. Eles concluem que dispor de outros espaços da escola para terem suas aulas poderia auxiliá-los em seus processos de aprendizagem.

Em relação à próxima questão, a qual buscou saber como eles veem o espaço físico da sala de aula e sua forma de organização, os estudantes do Grupo 1 citaram que:

Estudante A: *“A organização é boa, as vezes seria legal organizar em grupos”*

Estudante B: *“Eu gosto e acredito que a organização da sala individual também é importante, pois a gente se concentra mais”.*

Estudante C: *“Espaço é bom, o formato da sala as vezes impede uma melhor circulação, e em alguns casos o quadro fica na parede ao lado, não tem muito espaço para o professor escrever no quadro, e a lousa é pequena”.*

Estudante H: *“O espaço não é muito aproveitado, atrás da sala sobra um espaço gigante, em algumas salas”.*

Ainda na discussão feita no contexto do Grupo 1, alguns estudantes destacaram a necessidade de haver melhorias no espaço da sala de aula, como:

Estudante A: *“Mesas diferentes, com pufe, almofadas, um espaço diferente para conversar, dialogar, seria interessante”.*

Estudante B: *“Poderia ter mais computadores, as salas poderiam ser mais coloridas.”.*

Estudante C: *“Poderia ter uma sala para cada matéria, e essas salas seriam temáticas, com elementos de cada disciplina e mais armários”.*

No Grupo 2, alguns estudantes também compartilharam suas avaliações desse espaço:

Estudante D: *“Sala de aula, não tem cor, os quadros não são interativos, lugar que precisa ser evoluído”.*

Estudante E: *“As salas do ano anterior eram melhores tinham mais coisas legais, a mesa do professor é muito pequena”.*

Estudante F: *“Falta cortinas mais escuras para tapar mais o sol, e a sala é monótona, as vezes triste e falta um mural”.*

As ponderações apresentadas pelos estudantes ao analisarem o espaço da sala de aula nos permitem tecer considerações retomando os estudos dos autores citados na revisão de literatura, quando estes afirmam que o espaço deve ser pensado e organizado para que os sujeitos que o utilizarão se sintam

confortáveis e instigados a aprender. Conforme aponta Rinaldi (2013) em suas pesquisas, o espaço deve proporcionar bem-estar a cada indivíduo que ali está inserido, para que as relações e a construção de aprendizados possam ser favorecidas.

A última questão da intervenção estava direcionada a ouvi-los, no sentido de saber se sentiam abertura para a participação na organização dos espaços físicos da escola. Em relação a isso, os estudantes do Grupo 1 apontaram que:

Estudantes A: *“Tem o momento da avaliação institucional, daí, dá para falar algumas coisas, mas parece que nada do que se escreve lá é realizado”.*

Estudante B: *“Não tem muita abertura, talvez uma pessoa que pudesse conversar sobre isso, ou um lugar para deixar sugestões, por exemplo os espaços novos da escola, não fomos consultados”.*

Estudante C: *“Em alguns momentos até podemos dizer o que pensamos, mas parece que não somos ouvidos. Achamos importante ter um momento e um espaço para falar sobre isso, discutir e decidir junto o que é melhor”.*

Já no Grupo 2, a discussão evidenciou que não há a abertura esperada para participação na organização dos espaços físicos da escola. Segundo os estudantes:

Estudante D: *“Consultaram apenas com os pequenos, quando construíram o parque novo. Nos sentimos como se não tivéssemos voz, eles (direção) têm que criar o espaço para que isso aconteça”.*

Estudante E: *“Parece que a escola pensa só no conteúdo, e não é só isso, podemos começar pelo diálogo, ou criar um espaço em que possamos participar, mas que a gente tenha uma resposta, do não e do sim, o porquê não vai acontecer, acreditamos que o espaço físico interfere em nossa aprendizagem”.*

Observando as palavras dos estudantes acerca de sua participação na organização dos espaços físicos da escola, parece

haver a falta de oportunidades específicas para que essa participação possa acontecer, a qual, segundo os estudantes, é importante, pois eles querem ser ouvidos sobre o que pensam e o que sentem em relação ao assunto.

A partir desses depoimentos, evidencia-se que a participação dos estudantes no ambiente escolar deve acontecer, para que eles possam se sentir pertencentes a estes locais, sendo que isso influenciará no seu processo de aprendizagem, bem como em suas interações com o meio. Conforme aponta Rinaldi (2013), a qualidade nas relações entre o indivíduo e o espaço onde ele está inserido é importante, pois um impacta no outro, contribuindo no seu processo de interação.

Neste sentido, é relevante destacar que a construção do protagonismo na escola também se dá quando proporcionamos aos estudantes espaços para que eles possam ser ouvidos, percebendo que sua atuação e participação é importante. Desta forma, cada vez mais, sua autonomia vai sendo construída, impactando no seu processo de aprendizagem. Conforme aponta Costa (2001), o protagonismo dos estudantes só acontece por meio da criação de espaços de participação e de diálogo.

Ainda, Silva (2009) menciona que é importante respeitar o que os estudantes pensam, pois isso contribui para que eles criem laços com o ambiente da escola, tornando-se assim pertencentes a esses lugares, bem como isso potencializa sua autonomia e sua aprendizagem. Outrossim, os estudos de Silva vão ao encontro Rinaldi (2013), os quais apontam que a participação dos jovens nos espaços da escola fortalece sua interação com o ambiente, tornando-os protagonistas ativos e competentes.

A partir das análises realizadas, destaca-se que os estudantes demonstraram em vários momentos a capacidade de pensar sobre os espaços físicos da escola. Percebeu-se que eles conseguiram apontar vários elementos relacionados às limitações dos espaços, bem como evidenciaram pontos positivos e significativos. Também, em alguns momentos, eles destacaram por meio de suas falas, terem afetividade pelos espaços da escola, apontando suas vivências. Mencionam ainda a necessidade de terem mais abertura para dialogar sobre a organização dos espaços físicos, pois consideram isso um momento importante e de muita aprendizagem.

A partir destes elementos os estudantes, tanto do Grupo 1 quanto do Grupo 2 buscaram analisar alguns espaços físicos da escola, aqueles com que eles mais se identificam, como a sala de aula, o pátio da escola, laboratório e biblioteca, de maneira geral. Seguindo os elementos citados acima, os grupos destacaram o seguinte:

Funcionalidade da sala de aula: os alunos apontaram que em relação à sala de aula as mesas deveriam ter rodinhas, para melhor circulação, com um local adequado para colocar os materiais, um gancho para pendurar as mochilas, pode ser na mesa ou em uma parede, um quadro maior e, em alguns casos, seria interessante um quadro móvel, também as caixas de som precisariam ser atualizadas, bem como tornaria a sala mais confortável se tivesse algumas almofadas com *pufes*, um espaço para leitura, presença de computadores em cada sala, de uma estante com livros para terem acesso aos mesmos à hora que quisessem, diferentes tipos de plantas e mudar a cor das paredes, colocar uma cor mais vibrante, mas não muito colorido e também poderia ter algumas frases associadas a autores de diferentes disciplinas escritas nas paredes.

Funcionalidade de outros espaços internos como biblioteca, laboratórios, pátio, entre outros, eles citaram que a biblioteca precisaria ser maior, ter mais computadores, mais mesas, mais cabines para estudo, o pátio coberto poderia ser maior, colocar algumas proteções para chuva, o laboratório de ciências seria necessário ampliar, colocar uns bancos mais confortáveis e ser melhor aproveitado, nos corredores seria melhor se tivesse mais bancos para sentar, mais flores e vários tipos de plantas.

Em relação à **condição de acessibilidade** eles perceberam que faltam placas escritas em Braille, mesmo que a escola, neste momento, não tenha estudantes que necessitem, mas poderá ter. Faltariam rampas em algumas salas de aula e para o campo e piso tátil para facilitar o deslocamento. Já em relação ao **conforto visual**, os estudantes apontaram alguns elementos que faltam em relação às salas de aula, ou seja, as janelas precisariam ser mais altas, com cortinas em todas as janelas, para que exista privacidade durante a aula, e mais interruptores de luz para ter um controle melhor da iluminação.

Em relação ao **conforto térmico**, eles observaram e destacaram que as salas já possuem ar-condicionado, mas precisaria posicioná-los melhor, pois às vezes o vento atinge umas pessoas com mais intensidade do que em outras, precisaria de mais ventilação no banheiro e no laboratório de ciências, colocar uns protetores nas janelas, películas, para proteger mais do sol. Para finalizar a análise, os estudantes apontaram, em relação ao conforto acústico, que, principalmente as salas de aula deveriam ter um melhor isolamento do som, para que não se ouça o que acontece de uma sala para outra.

Portanto, é relevante destacar que a análise realizada pelos estudantes demonstra sua condição de pensar a organização dos

espaços físicos da escola em que estes estão inseridos. É interessante observar que eles apontaram elementos que realmente são necessários, não pensando em si próprios, mas em todos os que usam e que poderão vir a usar estes espaços, como é caso das identificações em Braille e piso tátil, por exemplo. Também um ponto importante é a falta que eles sentem de mais plantas, seja nos corredores ou nas salas de aula.

Destaca-se que os espaços citados pelos estudantes no momento da análise são espaços com que eles se identificam mais, por exemplo, a sala de aula em que estão mais presentes, biblioteca, corredores, laboratório de ciências e o pátio, o que mostra que quando se sentem pertencentes aos espaços conseguem ter um olhar mais atento, importando-se com estes ambientes.

Seguem as imagens, em diferentes visões, do projeto arquitetônico de uma sala de aula, elaborado a partir da descrição e análise que os estudantes participantes da pesquisa realizaram. O projeto foi elaborado com o auxílio de um software, o Sketchup Vray 3.6 e também foi necessária a ajuda de um profissional com conhecimento deste programa para auxiliar na montagem.

A imagem um abaixo mostra uma parte da organização do espaço da sala de aula, sendo que nela se pode observar a disposição das classes em formato de U, uma maneira diferenciada de organizar os estudantes, proporcionando uma maior proximidade entre eles. Também se observa a cor da sala em um tom azul mais claro, um espaço específico na parede, com ganchos para pendurar as mochilas e, nas mesas, a presença de rodinhas para facilitar a movimentação em sala de aula, conforme solicitado pelos estudantes. Outro elemento foi destacado: a classe para um estudante com necessidades especiais, cuja relevância tem sido cada vez mais reconhecida em

nossa sociedade, em função dos debates sobre acessibilidade e inclusão. Algo que, indiscutivelmente, deve fazer parte dos projetos arquitetônicos das instituições de ensino.

Imagem 1: Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes



Org. Autor

A apresentação desta imagem é importante para termos uma visão mais concreta da representação da sala de aula pensada pelos estudantes. Sua análise permite-nos também demonstrar que a forma como os alunos pensaram a organização deste espaço vai ao encontro de questões anteriormente discutidas. Ceppi e Zini (2013), assim como Kowaltowski (2011), mencionam em seus estudos exemplos que puderam ser percebidos aqui, como a importância de se pensar em um ambiente confortável, aconchegante e interativo quando se trata de planejar os ambientes educativos, de modo a instigar os sujeitos que irão utilizá-lo e também fazer com que eles se sintam bem dentro da sala de aula, tornando as atividades prazerosas. Todos esses fatores, em conjunto, criam o contexto favorável à construção de conhecimento, além de contribuir para os processos de desenvolvimento humano.

Considerações finais

A presente pesquisa tematizou a organização dos espaços escolares, considerando a perspectiva dos estudantes da Educação Básica sobre o assunto. A partir do estudo de uma realidade específica, foi discutida a possibilidade de jovens estudantes atuarem, em parceria com suas/seus professoras/es de geografia, na organização desses espaços, buscando problematizar as repercussões desse processo para os atores nele envolvidos e também para o funcionamento da escola enquanto instituição democrática.

Partindo disso, constatamos que conhecer como os espaços físicos da escola são ocupados pelos estudantes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio é muito importante, assim como investigar as ideias que eles sustentam sobre como esses espaços podem ser organizados. O diálogo e a escuta são o caminho para isso, sendo que, nas narrativas produzidas pelos participantes de nossa pesquisa, ficou perceptível que eles precisam e gostariam de ser mais ouvidos, ou seja, sentem essa necessidade de serem vistos como potenciais agentes participativos na construção da organização dos espaços escolares.

A análise dos achados obtidos nesta pesquisa também corrobora algo para o qual outros pesquisadores do tema tem chamado a atenção: reconhecer a organização dos espaços físicos da escola como uma dimensão relevante do currículo escolar e do trabalho educativo a ser desenvolvido por essa instituição é fundamental para que os processos de ensino e aprendizagem ocorram de maneira satisfatória para os sujeitos que deles participam. Possibilitar a participação dos jovens nos processos de tomada de decisão sobre esses espaços é aproximá-los cada vez mais

da escola, tornando-os protagonistas de sua formação e pertencentes ao ambiente escolar. Os estudantes possuem plenas condições de colaborar nesse sentido, desde que os outros atores sociais com quem convivem na escola (professoras/es, gestoras/es etc.) percebam e assumam essa possibilidade, visando que seja alcançada uma educação de qualidade para todas/os.

Referências bibliográficas

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo informação*. n. 14, p. 160-169, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CASTELLAR, S. M. V. Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem. In: PEREIRA, M. G. *La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 2, p. 37-56.

CAVALCANTI, L. de S. A educação Geográfica e a formação de conceito: A importância do lugar no ensino de Geografia. In: PEREIRA, M. G. *La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 4, p. 135-151.

CEPPI, G.; ZINI, M. Elementos de projeto. In: *Crianças, espaços, relações como projetar ambientes para educação infantil*. Tradução Patrícia Helena Freitag. – PortoAlegre: Penso, 2013. p. 39-116.

COSTA, A. C. G. *A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócioeducativa*. 2ª ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

_____. *O protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador*. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: ESCOLANO, A.; FRAGO, A. V. (Org). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAUL, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999a.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

FRAGO, A. V. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: ESCOLANO, A.; FRAGO, A. V. (Org). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GANDINI, L. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.145-158.p

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOMES, R. A Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67-80.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. *Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LOIZOS, P. Vídeo, Filme e Fotografia Como Documentos de Pesquisa. In: BAUER, W. S.; GASKELL, G. (Org). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

PEREIRA, M. G. *La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009.

PICHÓN-RIVIERE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RINALDI, C. O ambiente da infância. In: CEPPI, G; ZINI, M. (Org) *Crianças, espaços, relações como projetar ambientes para educação infantil*. Tradução Patrícia Helena Freitag. – PortoAlegre: Penso, 2013. p. 122-128.

SILVA, I. M. M.; CRISTOFOLI, M. S.; ZANIN, N. Z. Contribuições da arquitetura, da psicologia e da política educacional para uma análise do espaço escolar e sua vivência pelos sujeitos. In: ROSA, G. A.; PAIM, M. M. W (Orgs.). *Educação básica: políticas e práticas pedagógicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SILVA, T. G. D. *Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano*. 2009. p. 143. Dissertação (Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALDÉS, J. de L. G. El lugar en la superación de la adversidade: espacio de vida y resiliência comunitária. In: PEREIRA, M. G. *La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 3, p. 57-83.

Submetido em: 12 de novembro de 2019.

Devolvido para revisão em: 12 de fevereiro de 2020.

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2020.

Como citar este artigo:

NADAL, Aline; SILVA, Ivone Maria Mendes; CRISTOFOLI, Maria Silvia. Jovens estudantes e seus professores de Geografia como agentes participativos na organização dos espaços escolares na educação básica. **Terra Livre**, v. 2, n. 53, p. 368-405, jul.-dez./2019.